

LITERATURA BRASILEIRA

FICÇÃO

Antônio Torres

O CACHORRO E O LOBO

Lisboa, Teodolito / 2017

O Cachorro e o Lobo é o segundo livro da trilogia *Essa Terra*, que, na opinião de Gerana Damulakis¹, com a qual inteiramente concordo, poderia chamar-se *Trilogia Brasil*, paralelamente ao que acontece com *USA* de John dos Passos. Traduzida e festejada em numerosos países, como aliás muitos outros livros de Torres, esta obra foi recentemente publicada em Portugal (também o terceiro volume, *Pelo Fundo da Agulha*, acaba de sair).

Cada um destes livros pode no entanto ser lido como um romance autónomo. Talvez, quando escreveu o primeiro volume, o autor ainda não soubesse que inaugurava uma trilogia, e a verdade é que escreveu outros belíssimos livros entretanto. Mas vinte anos depois de *Essa Terra* publica *O Cachorro e o Lobo*, e nove anos e outros livros mais tarde surgirá *Pelo Fundo da Agulha*. Houve assim um núcleo temático incandescente, que, através de diferentes narrativas, fascinou e «perseguiu» o autor, ao longo de trinta anos, até se cristalizar numa trilogia.

Lê-la (ou relê-la) é um prazer sempre novo. Os livros de Torres nunca são lineares, estão sempre em transformação: o autor muda as perspectivas, numa teia de relações complexas em que a memória e o presente se confundem, a realidade é invadida pelo sonho e o tempo não é o que pensamos. Ou talvez nem sequer exista.

O milagre de contar, como sabemos, reside menos no «quê» do que no «como». É na linguagem, no «como», que reside o poder dos contadores de histórias. Antônio Torres é um contador

de histórias de primeira água. «Meninos, eu conto» (título de outro dos seus livros), ou simplesmente, «meninos», como também aqui por vezes o narrador nos interpela (10), é já por si uma fórmula encantatória, que nos deixa suspensos por uma voz — oral, apesar de escrita, ou escrita, apesar de oral. E sabemos que nos deixaremos levar, gostosamente rendidos, até onde a voz do narrador quiser.

Tudo acontece muito depressa em *O Cachorro e o Lobo*, e ao mesmo tempo imensamente devagar. A acção passa-se num só dia (manhã, tarde, noite). Mas nessas vinte e quatro horas atravessamos vários mundos: um filho pródigo regressa a Junco, aldeia perdida do interior, alertado por um telefonema da irmã Noémia, que se esqueceu de o convidar para a festa dos oitenta anos do pai. Mas quem se lembraria de convidá-lo nessa altura, se há vinte anos ele andava desaparecido em São Paulo («vinte anos sem uma única palavra», «seu cachorro», 9)? É aí que ele decide meter-se à estrada e aparecer, sozinho e em visita, num lugar para onde não há regresso, uma terra de seca e vida dura, habitada por fantasmas que não se podem encarar de frente. Como o do irmão Nelo, o primogénito, modelo e orgulho da família, que partiu para São Paulo e voltou aparentemente vitorioso, mas se enforcou numa trave do tecto para esconder a sua vida, afinal fracassada.

Agora é ele, Totonhim, que regressa (no lugar de Nelo, não pode impedir-se de pensar). Tem quarenta anos, mulher e dois filhos, e está em risco de perder o emprego no Banco do Brasil e de enfrentar mil problemas em São Paulo, a grande metrópole que só quem mora na aridez do sertão imagina como a Terra Prometida.

Pelo caminho pára brevemente na casa da mãe, que enlouqueceu com a morte do primogénito, recuperou a razão e vive agora a poucos quilómetros de Junco, mas

o desentendimento dela com o pai fazem essa distância parecer imensa.

E é o pai, e não a mãe, o alvo da visita: segundo a irmã Noémia, o velho lobo solitário isolou-se na roça, cuidando de galinhas, bebendo demais e conversando com fantasmas.

Como Ulisses, arquétipo dos viajantes em demanda de um (impossível) regresso a casa, que se ausentou vinte anos e não é reconhecido, também Totonhim não é logo identificado ao chegar, antes de dizer: «Eu sou seu filho. O Totonhim» — aquele que tem o mesmo nome do pai, Totonho, na verdade Antão, mas a quem chamaram sempre Totonhim, para o distinguir do velho. Que não está bêbado nem louco, a não ser «de alegria»: «Eis aí. Totonhim de São Paulo-Paraná» (18). «— Vamos tomar uma, pra comemorar? /— Obrigado, mas não bebo. Aceita um café? Ainda se lembra de meu café?» (19). Começou portanto o regresso — o regresso possível («Assim foi. Assim é. Cá estou. Chegando», 17).

Muitas coisas se passam nessas vinte e quatro horas: o confronto entre presente e passado, o mundo rural e o mundo urbano, a chegada de (algum) progresso ao «sertão» profundo, o desejo de mudança e o gorar das expectativas, a traição dos poderosos sobre os fracos, a travessia de uma terra deserta, de mortos e fantasmas, mas também de figuras reais e gente viva. A mesma Junco é já outra, mantendo-se contudo um lugar onírico, onde, apesar da força das lembranças, o princípio da realidade se mantém, e a ironia é a face mais visível da melancolia.

Num breve remate, «Despedida», o filho, que mal chegou, está já de regresso a São Paulo. Mas a visita não foi em vão: o encontro entre o cachorro e o lobo aconteceu, e revelou-se, surpreendentemente, cheio de cumplicidades e de afectos. Mesmo que tenha sido (e será provavelmente)

a última (ou a única?) vez em que realmente se encontraram: o velho pai a quem a vida trouxe tudo o que de pior podia acontecer, mas apesar disso se mantém de pé, sem nunca fechar a porta ao filho, que podia voltar. E ele voltou. Por um dia que valeu por uma vida.

É necessária uma perfeita mestria narrativa para contar um mundo, individual e colectivo, em poucas páginas, sem palavras a menos, nem a mais. A medida certa do dizer é apanágio da grande literatura. E Antônio Torres é um dos maiores escritores brasileiros vivos.

Teolinda Gersão

NOTA

[A Autora segue a antiga ortografia.]

¹ Cf. *A Tarde*, Bahia, 16/12/2006.